

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Curso de Licenciatura em Antropologia

**“A rua como um espaço de re-socialização, afirmação
identitária e de busca lazer entre a territorialidade dos
vendedores ambulantes na Ponto Final, ao longo da Av.
Eduardo Mondlane, cidade de Maputo”**

Autor: Paulo Armando Nhantumbo

Supervisor: Dr. Danúbio Lihaha

Maputo, Novembro 2012

“A rua como um espaço de re-socialização, afirmação identitária e de lazer entre a territorialidade dos vendedores ambulantes na Ponto Final, ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo”

Trabalho de Culminação de Estudos para obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Modalidade de Relatório de Pesquisa

O Autor

Paulo Armando Nhantumbo

O Supervisor

Dr. Danúbio Lihaha

O Oponente

Dr. Hélder Nhamaze

O presidente do Júri

Dr. Agostinho Rafael Manganhele

Maputo, Novembro 2012

DECLARAÇÃO

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau acadêmico.

Paulo Armando Nhantumbo

Maputo, Novembro, 2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais
(Às duas maiores referências de vida
Que alguma vez conheci).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos espíritos dos meus ancestrais pois fui socializado a acreditar que Eles estão presentes em todos momentos singulares da minha vida.

Em seguida, aos meus pais pelo investimento moral e financeiro que incansavelmente depositaram na minha pessoa. É por isso que sinceramente lhes tenho dito “este projecto é mais vosso do que meu”.

Aos meus irmãos, pela amizade, companheirismo e principalmente pelo cego voto de confiança. Espero que a vida me proporcione mais oportunidades de não poder decepcioná-los.

Um agradecimento especial também vai dedicado ao estimado Dr. Danúbio Lihaha, meu supervisor, pelo aprendizado, pela superação das dificuldades e pelas sinergias desencadeadas durante a concepção deste projecto.

E como não poderia deixar de ser, também vai um agradecimento supra especial aos vendedores ambulantes, os meus sujeitos de pesquisa em particular, pela abertura e simpatia que demonstraram durante a nossa interacção aquando da pesquisa.

Por fim, um agradecimento extensivo aos amigos, colegas, docentes, funcionários da FLSC-UEM, às senhoras vendedeiras de “pão e *bagias*”, aos “chapeiros” e tantos outros conhecidos e desconhecidos que directa e indirectamente fizeram parte deste importante capítulo da minha vida.

Khanimambo!

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| DECLARAÇÃO | i |
| DEDICATÓRIA | ii |
| AGRADECIMENTOS | iii |
| RESUMO | 7 |
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 2. CONTEXTO DA PESQUISA | 10 |
| 3. REVISÃO DA LITERATURA E DISCUSSÃO CONCEPTUAL | 11 |
| a. Territorialidade | 11 |
| b. Re-socialização | 17 |
| c. Identidade | 18 |
| d. Lazer | 20 |
| 4. MODELO DE ANÁLISE | 21 |
| 5. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA UTILIZADAS | 23 |
| 6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS | 25 |
| a. Descrição do local de pesquisa | 25 |
| b. Descrição dos sujeitos de pesquisa | 26 |
| c. Discussão dos dados | 27 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 35 |
| ANEXOS | 38 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 39 |

RESUMO

O presente trabalho é uma discussão sobre o uso e apropriação do espaço pelos grupos sociais e procura demonstrar que a rua é um espaço de re-socialização, de afirmação de uma identidade sócio-profissional e de busca de lazer entre a territorialidade dos vendedores ambulantes ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo.

A partir do estudo das diversas sociabilidades no espaço e ainda tomando a existência de uma territorialidade entre os vendedores ambulantes na Ponto Final como um dado da pesquisa, faz uma análise de como estes se socializam na rua tomando como bitola de referência as experiências anteriores que tiveram noutros espaços sociais, ou seja, a sua socialização primária (casa, escola, igreja). E posteriormente analisa de uma forma sincrónica como eles se posicionam nesse novo espaço, como constroem o *self* e com efeito se identificam e encontram lazer na vida quotidiana.

O estudo procura de certa forma superar o debate sobre a territorialidade que apenas enfatiza a dimensão da integração social em situações de migração e a dimensão do conflito social e propõe que se toma também em grande conta a dimensão da formação de uma territorialidade também como uma via de reconhecimento social e busca de lazer.

Palavras-chave: **territorialidade; re-socialização; identidade; lazer.**

1. INTRODUÇÃO

O tópic do presente trabalho de pesquisa enquadra-se dentro da Antropologia Urbana no concernente ao uso e apropriação do espaço pelos grupos sociais. Partiu da observação da realidade empírica quando o estudante de Antropologia ficou intrigado com um determinado grupo de vendedores ambulantes ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo. Interessou-se em saber quem são aquelas pessoas a vender ali, o que lhes levou a “escolher” aquele espaço e não outro, ou seja, o que torna aquele lugar especial para eles.

Portanto, realizei uma profunda revista bibliográfica sobre o tema do uso e apropriação do espaço pelos grupos sociais a qual levou-me a privilegiar o conceito de territorialidade que é definido nos seguintes termos “o esforço colectivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território” (Little, 2002).

Grosso modo, me levou a considerar as seguintes teorias: uma que explica por via do conflito social em situações de disputa de recursos; uma que explica pela integração social em situações de migração tendo como aportes identitários a memória comum; entre outras dimensões como a simbólica, identitária e histórica.

Entretanto, a minha estadia no campo levou-me a confrontar-me com outras realidades que as teorias não alcançavam, é o caso da formação de uma territorialidade também como uma via de re-socialização e de busca de prazer.

O método que me ajudou a descobrir essas dimensões foi a análise da trajetória de vida dos meus sujeitos de pesquisa, através da análise comparativa da sua socialização primária e secundária. Ou seja, procurei comparar a vida que levavam antes de venderem na rua e depois de começarem a vender até ao momento actual. Isto é, em termos bastante simples o presente trabalho procurou perceber o o(s) significado(s) da rua para os vendedores ambulantes.

O estudo refere-se ao grupo de vendedores ambulante que perambulam na margem direita da Av. Eduardo Mondlane para quem vai em direcção á Av. Julius Nherere no percurso que começa da Av. Romão F. Farinha até á Av. Filipe Samuel Magaia.

O presente trabalho está subdividido em quatro partes. A primeira parte tem um capítulo dedicado á descrição do contexto da pesquisa, ou seja, é apresentada grosseiramente a

problemática, a motivação e o objetivo da pesquisa. A primeira parte ainda possui um segundo capítulo dedicado á revisão da literatura e discussão conceptual dos conceitos-chave na discussão deste tema que é o caso da territorialidade, re-socialização, identidade e lazer.

A segunda parte possui um capítulo dedicado ao modelo de análise, ou seja, depois de revista a bibliografia sobre o assunto, apresento as minhas opções teóricas com as quais irei debruçar-me neste tema. Subsequentemente, no capítulo a seguir apresento os métodos e técnicas de pesquisa utilizadas.

A terceira parte é dedicada á apresentação e discussão dos dados da pesquisa. Possui um subcapítulo dedicado a descrição do local de pesquisa e um outro subcapítulo dedicado á descrição dos sujeitos de pesquisa. Por fim, possui um terceiro subcapítulo onde é apresentada a discussão dos dados, ou seja, é o momento onde se faz o cruzamento dos dados e a grelha teórica escolhida e os resultados ou leituras derivadas desse cruzamento.

A última e quarta parte é dedicada ás considerações finais, na qual depois de realizar um breve resumo de toda a discussão do trabalho, apresento comentários gerais e deixo ficar as lições tiradas e ainda proponho novas pistas de pesquisa.

E naturalmente no fim apresento as referências bibliográficas usadas neste trabalho e os respectivos anexos.

2. CONTEXTO DA PESQUISA

O presente projecto de pesquisa preocupa-se em estudar a formação de uma territorialidade entre os vendedores ambulantes na Ponto Final, ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade do Maputo e os fins ou significados dela para os próprios sujeitos da pesquisa.

Partindo do conceito central a esta análise, o de territorialidade, definida, em termos antropológicos, como “o esforço colectivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território” (Little, 2002). E, ainda nos termos do mesmo autor supracitado “o território seria, nesse sentido, “um produto histórico de processos sociais e políticos”, o presente trabalho procurou perceber como é que se cristaliza essa territorialidade entre os vendedores ambulantes, o caso da Ponto Final, ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade do Maputo.

Da pesquisa exploratória por mim feita e conjugada com o que é visível diariamente, independentemente das condições climáticas, vemos pessoas (geralmente homens) sentados defronte de bancas improvisadas ou circulando no mesmo perímetro, vendendo sem licença municipal por vezes os mesmos produtos defronte de lojas credenciadas, a minha preocupação de pesquisa foi de perceber quem são aquelas pessoas ajuntadas, que códigos de valores compartilham, se é que compartilham, que espécie de acordo, explícito ou tácito existe entre eles, e principalmente porquê a escolha daquele espaço.

Em termos bastante simples o presente trabalho procurou perceber o o(s) significado(s) da rua para os vendedores ambulantes, o caso da Ponto Final, ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo.

3. REVISÃO DA LITERATURA E DISCUSSÃO CONCEPTUAL

Neste capítulo irei apresentar uma breve revisão da literatura dos quatro principais conceitos que trago para a discussão. Os conceitos de territorialidade, socialização, identidade e lazer nomeadamente. Importa referir que o conceito de territorialidade é o tema dominante deste capítulo e grosso modo é o tema transversal de todo o relatório pois foi desde o princípio o fio condutor da minha pesquisa. O mesmo não posso dizer do outro trio de conceitos que são ferramentas que as tive que adoptar durante a evolução da minha pesquisa como ferramentas teóricas subsidiárias para a compreensão da realidade a que me propus estudar.

a. Territorialidade

Segundo Gil (2004) “o desenvolvimento contemporâneo prescinde de reflexões sobre conceitos, como território e territorialidade, rural e ruralidade, espaço e espacialidade, de modo a superar o significado dicotómico da relação cidade-campo”. Este autor afirma que “produzido espaço-territorialmente pelo exercício do poder de determinados actores sociais, o território inscreve-se num campo de forças e de relações de poder económico, político e cultural, quase sempre reflectindo a hegemonia de grupos privilegiados”.

Sousa e Santos (2009) fazem uma tentativa multifocal e polifónica, epistemológica e metodologicamente na exploração do tema da territorialidade e redes de sociabilidades juvenis. Os autores supracitados dividem o seu estudo em dois momentos interligados: 1) Território e Produção de Redes de Sociabilidade na Cultura Juvenil, no qual desenvolvem uma reflexão sobre “o conceito de territorialidade oriundo da filosofia de Félix Guattari e Gilles Deleuze e suas interfaces com a constituição de redes de sociabilidade na cultura juvenil”; 2) “O Processo de Constituição de Identidades Sociais e a Formação Sociocultural de Jovens,” no qual destacam as tensões políticas e formativas que o conceito de identidade provoca na cena contemporânea, apresentando as noções de pertencimento, laço e agrupamento social e as influências das tecnologias da informação e da comunicação como “território-lugar” que engendra condutas sociais, estilos de vida singulares e “auto-hetero-constituídos”, segundo este autor .

Teixeira (2008) no seu estudo etnográfico objectiva articular a relação entre migração, espaço e território, e apresenta o resultado de um estudo de caso de um grupo de migrantes rurais foliões

de reis, que conseguiram re-criar a tradição festiva em um ambiente urbano localizado em uma cidade da Região Metropolitana de Campinas (RMC). Segundo Teixeira (2008) «os migrantes rurais que habitam as diversas regiões de atracção espalhadas pelos territórios da agro-indústria conseguem se preservar enquanto “grupo” desde que sejam capazes de recriar um território e estabelecer com este uma relação culturalmente vivida”. Segundo este autor, “a tradição festiva do catolicismo popular denominada “Folia de Reis” é um exemplo desta apropriação afectiva do espaço”.

“Território e identidade” é um estudo de Sousa e Pedon (2007) que pretende contribuir com a discussão sobre território, não propriamente com relação aos conceitos clássicos, mas, sobretudo, segundo a perspectiva destes autores, com a mais recente conceituação a partir da história vivida por uma comunidade que imprime no território a identidade do grupo social ali residente, o qual Haesbaert citado pelos autores supracitados a conceitua como território cultural(ista), visto como produto da apropriação resultante do imaginário e/ou “identidade social sobre o espaço. Segundo os mesmos autores “essa relação identidade-território toma a forma de um processo em movimento, que se constitui ao longo do tempo tendo como principal elemento o sentido de pertencimento do indivíduo ou grupo com o seu espaço de vivência. Desta forma, Sousa e Pedon ressaltam no texto as especificidades de dois estudos de caso: a actuação de uma Associação de Bairro na cidade de Araçatuba/ SP, por meio da mobilização colectiva em torno de uma entidade que representa os anseios de uma comunidade e um grupo de reassentados que passaram por um processo de desterritorialização e reterritorialização, demonstrando a problemática territorial a que este processo se refere.

Araújo (2007) pensa em território sob a óptica sociológica e antropológica entendendo que “nelas estão incluídas noções do reconhecimento das múltiplas dimensões que compõem a experiência vivida, as relações sociais que lá existem, os aspectos simbólicos e o quotidiano de seus moradores”. Ou seja, um entendimento que vai além da delimitação geográfica e administrativa, pois inclui a dimensão do quotidiano e a apropriação desse espaço pelos grupos sociais.

Amorim (2011) argumenta que “numa sociedade erguida em função do trabalho (ou labor), a escola ganha um papel central, pois no seu interior são travados momentos decisivos para a

garantia da continuidade da ordem social estabelecida”. Este autor defende que às suas finalidades académicas são acrescentados objectivos voltados para domesticação dos corpos daqueles que são pensados pelo sistema como futuros trabalhadores. “É”, segundo este autor que “assim que o espaço escolar moderno se torna objecto de um ordenamento disciplinar, onde o controle rígido dos corpos é um pré-requisito”. Como consequência, ainda na perspectiva do mesmo autor, “os meios utilizados para realizar a tarefa posta pela sociedade do trabalho à escola frequentemente ganham feições espaciais, daí nos autorizando a pensar em territorialidades”. O objectivo do estudo de Amorim (2011) é realizar uma breve discussão sobre a formação da sociedade do labor, ressaltando alguns de seus traços característicos, e analisar de que modo a escola se vinculou à estrutura social.

Segundo Sack citado por Leopoldo e Morais (2006) a territorialidade é definida como “uma tentativa de um individuo ou grupo, afectar, influenciar e ou controlar pessoas, fenómenos e relações através da delimitação e da afirmação sobre uma área geográfica”. E que para Sack a territorialidade “são as diferentes formas como se expressam os conflitos derivados da apropriação social do espaço”. Achei esta conceitualização uma das mais teoricamente ricas na discussão do uso e apropriação do espaço pelos grupos sociais.

Casimir citado por Leopoldo e Morais (2006) mostra como a territorialidade “é uma força latente em qualquer grupo, cuja manifestação explícita depende de contingências históricas. O facto de que um território surge directamente das condutas de territorialidade de um grupo social implica que qualquer território é um produto histórico de processos sociais e políticos”. Ainda na perspectiva do mesmo autor supracitado, “para analisar o território de qualquer grupo precisa-se portanto de uma abordagem histórica que trata do contexto específico em que surgiu e dos contextos em que foi defendido e ou se afirmado”. Esta perspectiva também é bastante oportuna para a compreensão da problemática a que me propus estudar pois ela ao privilegiar a abordagem histórica está implicitamente a fazer também menção dos processos, não só de afirmação de um território mas também de afirmação de uma identidade inerente a um espaço específico.

Ainda na mesma obra acima citada, Leopoldo e Morais (2006) apresentam finalmente a sua visão de territorialidade que a define como sendo “nada mais que as manifestações sociais dentro

do território”. Definição esta bastante simplista e um tanto vaga mas que não deixa entretanto de ser bastante convidativa, introdutória e profícua no debate do uso e apropriação do espaço.

Galvão *et al* (2009) á semelhança dos últimos autores supracitados, também nos apresenta uma conceitualização bastante simplista e rígida, facto compreensível pois ela é oriunda da geografia. Segundo Galvão *et al* (2009) a territorialidade “é formada pelas relações sociais (existenciais e de produção) que se estabelecem no interior dos territórios”.

E o “território” como aponta Raffestin (1993) “se forma a partir do espaço e é resultado de uma acção conduzida por um actor sintagmático. Ao se apropriar de um espaço, o actor territorializa o mesmo”.

Segundo Silva (2006) “o espaço, enquanto recurso limitado e desigualmente distribuído, constitui um local de confronto pela sua apropriação, interpretação e utilização por parte dos actores sociais, em regra inseridos em grupos sociais”. E na mesma tónica do conflito social este autor invoca Fernandes (2000), que afirma que “o território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder.”

Para Soja (2001) a territorialidade “é composta por três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade e compartimentação da interacção humana no espaço. Esta conceitualização apesar de lacónica é bastante esclarecedora e uma das mais abrangentes possíveis pois considera múltiplas dimensões da territorialidade: a da afirmação identitária, do conflito social e também a simbólica.

Outro ponto de vista interessante no entendimento do uso e apropriação do espaço é o de Costa (2008) quando afirma que “quanto maior a cidade, mais complexas e múltiplas são as práticas sociais e os processos de identificação”. Segundo este autor “os grupos e ou classes sociais segregam-se cada vez mais, produzindo lugares específicos para tipos específicos de convivência tornando o espaço urbano cada vez mais fragmentado. Tanto as práticas capitalistas, quanto as culturais, tendem a formar espaços de segregação e apropriação espacial.” Costa acredita que não há mais território urbano, o que impera na cidade são múltiplos territórios, tanto no plano socioeconómico, quanto no plano das representações sociais.

É por essa razão que mais uma vez invocamos Raffestin (1993) com a preciosa contribuição ao propor um sistema territorial que se articula em malhas, redes e nós. Redes essas que se consubstanciam na formação de uma territorialidade e afirmação identitária conforme iremos observar mais adiante na discussão dos dados de pesquisa.

Finalmente, para Little (2002) a territorialidade «é o esforço colectivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim seu “território” em homeland». Achei a conceitualização de Little a mais interessante pois parece ser mais completa na medida em que ela abarca a dimensão da integração social, do conflito, da afirmação identitária e também de forma implícita a dimensão simbólica quando se refere ao “homeland”».

O conceito de território facilita a leitura do meu objecto de pesquisa visto que privilegia as relações sociais, as redes, a cultura e o quotidiano.

É depois de feita a revisão da literatura e feita a discussão conceptual é possível agrupar as diversas perspectivas teóricas em relação ao uso e apropriação do espaço, a territorialidade neste caso, em oito abordagens principais, cujas cinco são simples e três são compostas conforme mostra a seguinte grelha teórica:

| ABORDAGENS | |
|--|--|
| <u>Simple</u> | <u>Compostas</u> |
| Integração social [(Teixeira 2008); (Sousa e Santos 2009); (Amorim 2011)] | Integração social & Conflito social [(Little 2006)] |
| Conflito social [(Fernandes 2006); (Gil 2004); (Leopoldo e Morais 2006); (Sack <i>apud</i> Leopoldo e Morais 2006)] | Conflito social & Afirmação identitária [(Soja 2001)] |
| Dimensão Simbólica [(Araújo 2007); (Sousa e Pedon 2007)] | Conflito social & Dimensão Simbólica [(Silva 2006)] |

| | |
|--|--|
| Dimensão histórica [(Casimir <i>apud</i> Leopoldo e Morais 2006)] | |
| Afirmação identitária [Raffestin 1993]; (Costa 2008)] | |

b. Re-socialização

Socialização é o “conjunto de mecanismos através dos quais os indivíduos fazem a aprendizagem das relações sociais e assimilam as normas, valores e as crenças de uma sociedade ou de uma colectividade. Distinguem-se a socialização primária, ou socialização da criança, das socializações secundárias, processos de aprendizagem e de adaptação dos indivíduos ao longo de toda a sua vida” (Echaudemaison, 2001).

Socialização” é o processo de modelação do comportamento humano, quer mental, quer físico, pela experiência dada pelas situações sociais. A socialização compreende todos os processos de aculturação, comunicação e aprendizagem, pelos quais o organismo humano cria uma natureza social e é capaz de participar na vida social” [Mitchell, (s/d)].

Este último autor supracitado ainda frisa que “apesar de a socialização de diferentes papéis (sobretudo ocupacionais) ter sido estudada pelos cientistas em várias organizações, maior atenção tem sido dada á socialização das crianças em casa, na comunidade e na escola. A maior parte dos cientistas sociais considera a primeira socialização como crítica na determinação da identidade social da criança e na participação posterior da criança na vida social”.

Por seu turno Géhanne (s/d) define o processo de socialização como sendo um “conjunto de mecanismos mediante os quais uma sociedade ou uma colectividade transmite as suas normas, os seus valores e as suas crenças aos membros que a constituem (família, escola, empresa, da convivência, dos mídias, etc.).

Praticamente todos os autores são unânimes na definição da socialização porém achamos a proposta de Echaudemaison (2001) a mais oportuna para este trabalho pois faz a distinção dos distintos momentos da socialização, a primária e secundária respectivamente.

A proposta de Géhanne (s/d) também é interessante na medida em que ela nomeia de forma mais ampla os espaços de socialização e de alguma forma concorda com a perspectiva de Marc Auge dos não-lugares ao agrupar os mídias no mesmo renque que a família, escola, empresa e a convivência pois nos convida a olhar para eles não simplesmente como meios de socialização mas como espaços de socialização.

Lembrar que o nosso método de análise é de balancear a rua com esses mesmos outros espaços de socialização.

c. Identidade

A identidade, segundo Castells (2003), “é um dos elementos mais importantes na constituição do espaço. O espaço, portanto, é uma necessidade básica para que os grupos sociais possam estabelecer suas relações e afirmarem suas identidades. Ainda nos termos de Castells (2003), a identidade se apresenta como sendo formas de diferenciação do eu com o outro, construída sob atributos culturais específicos, ou ainda com base em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados.

Ainda para Castells (2003), “toda identidade é socialmente construída, e seus significados e símbolos são determinados pelos próprios actores que as constroem, ou seja, no processo de construção de identidades são herdados elementos históricos, geográficos, biológicos, econômicos e institucionais dos próprios indivíduos construtores. Esses processos, que são construídos em contextos marcados por relações de poder, dão forma e origem à construção de identidades, que são dinâmicas, não-essencialistas e distintas”.

Para Haesbaert, citado por Magno 2008 “a identidade no pensamento moderno é entendida como estruturação de pessoas e símbolos ao redor de elementos aglutinadores, ou seja, é o agrupamento “dos iguais” do que é reconhecido como comum perante a multiplicidade de sujeitos e objetos da actualidade.

Para Escallier (s/d) “a questão da identidade é, antes de tudo, interrogar-se sobre si, as suas origens, a sua história, os seus gostos, mas igualmente sobre o outro próprio, os seus comportamentos, as suas diferenças. A aprendizagem de si próprio exige, por conseguinte, a aproximação, o contacto, ou mesmo a confrontação com outro”. Ainda na perspectiva desta autora “a construção da identidade de uma sociedade passa pela integração social das diferenças, pela identificação de uma origem colectiva, por conseguinte, cultural”.

Já Woodward (2000) afirma que “as identidades possuem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas”. Este autor revela que a identidade é

relacional e marcada pela diferença que, por sua vez, envolve a exclusão. Também há símbolos entre a identidade das pessoas e as “coisas” que elas usam, ou seja, a construção da identidade é simbólica e social. Este autor ainda lembra que “é importante notar, . . . , que a identidade depende da diferença e as diferenças são estabelecidas por sistemas classificatórios inerentes à vida social”.

“A identidade é construída, desconstruída e reconstruída com o passar do tempo, no mesmo ou em lugares diferentes, como ocorre através das migrações” (Raffestin, apud Saquet e Briskiewicz, 2003).

A maioria dos autores não traz nas análises uma idéia concreta de identidade, tendendo a compreendê-la apenas através de suas representações simbólicas.

Sucintamente, territorialidade e identidade estão em complementaridade.

b) Lazer

No concernente ao lazer são poucos os estudos que se debruçam sobre esta dimensão no quadro da territorialidade entre os vendedores ambulantes.

Temos Savalli (2008) que afirma que “por meio da atividade informal, espera-se atingir a sobrevivência material do grupo familiar. Porém, percebe-se uma outra dimensão que não é abordada nos trabalhos dos economistas: o trabalho informal pode ser associado, em certas ocasiões, ao lazer”. Entretanto, este autor refere-se na busca de lazer apenas em grandes eventos sociais festivos que no contexto moçambicano as poderíamos equiparar, por exemplo ao “Gwaza Muthini”, celebração da independência nacional, entre outros. Portanto, esta perspectiva não contempla a busca do lazer na vida ordinária dos vendedores ambulantes no seu quotidiano.

Num outro ângulo Tanno (2009) discute a rua como espaço apropriado pelos diversos segmentos sociais para práticas multifárias, entre as quais, o *footing* e o carnaval, que propiciam a socialização e o lazer. Este autor afirma que “apesar de ser considerado espaço público, onde a circulação é aberta a todos, veremos que no usufruto da rua, as diferenças sociais demarcam sua forma de ocupação e reforçavam a hierarquização da sociedade”.

Embora o meu foco não seja discutir as diferenças sociais, julgo de extrema importância a perspectiva deste autor pois nos permite também olhar para a rua como um espaço oportunamente de lazer entre a territorialidade dos vendedores ambulantes, no caso da Ponto Final.

4. MODELO DE ANÁLISE

O presente trabalho procurou preliminarmente perceber a formação de territorialidade entre os vendedores ambulantes na Ponto Final, ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo que em termos práticos consistia em perceber quem são aquelas pessoas ajuntadas, que códigos de valores compartilham, se é que compartilham, que espécie de acordo, explícito ou tácito existe entre eles, e principalmente porquê a escolha daquele espaço.

Assim, o meu modelo de análise preliminar pretendia compreender duas dimensões da territorialidade entre os vendedores ambulantes na Ponto Final, ao longo da Av. Eduardo Mondlane e se subsumia suncitamente nas seguintes perspectivas:

Integração social (Sousa e Santos (2009); Teixeira (2008); Sousa e Pedon (2007); e **Conflito social** (Gil 2004).

Entretanto, a minha estadia no campo permitiu constatar que o meu modelo de análise apenas me permitia confirmar ou não a existência de uma territorialidade entre os vendedores ambulantes na Ponto Final e pronto. Porém, isso levou-me a reconsiderar o meu modelo de análise e de ampliar teoricamente o meu objecto de estudo. E esse meu novo posicionamento foi ainda motivado pela profusão de dados interessantes no terreno que me abriram novas pistas de pesquisa de tal forma que tive que conjugar a territorialidade com outras variáveis como a sociabilidade e os processos de construção/afirmação de identidade e finalmente a minha preocupação de pesquisa passou a ser “rua como um espaço de socialização e de afirmação de identidade entre os vendedores ambulantes ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo”.

Por disposição metodológica tive que assumir a própria territorialidade como um dado da pesquisa e não como um pressuposto da pesquisa e o meu modelo de análise ulterior traduz-se da seguinte forma:

“A rua enquanto espaço público tem sido usufruída para as mais diferentes funções ao longo dos séculos. Construída para servir como via de circulação para pessoas e veículos, tornou-se também lugar privilegiado para manifestações políticas e culturais dos mais diversos grupos sociais. Embora ganhe visibilidade por essas dimensões é, também, um espaço de lazer, para conhecer pessoas, para chamar atenção para si ou para as idéias ali veiculadas por diferentes protagonistas” (Tanno 2009).

“Quanto a identidades toma-se à noção do contexto contemporâneo, que não crê em identidades únicas, essenciais, imutáveis, mas em um processo acumulativo que compreende diversas idéias e papéis em diferentes situações, instituições e grupos sociais” (SILVA e SILVA 2008).

Ainda “ a Identidade sócio-profissional nos remete à condição de cidadania que por sua vez legitima a existência social referenciada globalmente pela noção de pertencimento à uma nação, ou mais recentemente à sociedade global” (Kocoureck e Gehlen 2011). Os autores referem-se a global “no sentido histórico de referenciar-se à uma determinada (aquela) totalidade social na qual cada um tem pertencimento, pelas normas estabelecidas”.

Ainda na mesma tônica não desprezei outros perspectivas no debate do uso e apropriação do espaço. Por exemplo relevei a contribuição de Lefebvre *apud* Brasil (2005) que afirma que “o espaço social é considerado como produto, condição e meio de reprodução das relações sociais, e portanto, abarca diversas dimensões: as práticas espaciais materiais no cotidiano vivido e as práticas espaciais simbólicas nas representações. As primeiras dizem respeito à produção de infra-estruturas, ambientes construídos e sua organização territorial, e as segundas, aos fluxos e trocas que se processam no espaço, o domínio e o controle do mesmo por meio da propriedade privada e de suas divisões administrativas e a apropriação do espaço por meio do seu uso e da territorialização das redes sociais”.

Também relevei a perspectiva de Araújo (2007) que pensa em território sob a óptica sociológica e antropológica entendendo que “nelas estão incluídas noções do reconhecimento das múltiplas dimensões que compõem a experiência vivida, as relações sociais que lá existem, os aspectos simbólicos e o cotidiano de seus moradores”. Ou seja, um entendimento que vai além da delimitação geográfica e administrativa, pois inclui a dimensão do cotidiano e a apropriação desse espaço pelos grupos sociais.

5. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA UTILIZADAS

As técnicas de recolha de dados que utilizei durante a minha pesquisa são: a “etnografia de rua” (Eckert e Rocha 2001), a observação directa e as entrevistas semi-estruturadas.

Efectuei cerca de catorze visitas ao meu campo de pesquisa das quais as três primeiras foram ainda no período exploratório aquando da concepção do meu projecto.

Interagi de forma directa com cerca vinte e sete informantes. Desses vinte e sete informantes, os dois primeiros nunca mais voltei a vê-los depois de entrevista-los e uma meia dúzia deles falei com eles repetidas vezes que até agora os considero os meus principais informantes.

A estratégia que geralmente usava era de chegar no local, perambular por alguns minutos, a fazer o reconhecimento dos vendedores e também a deixar passar a impressão de que não sou uma pessoa hostil (a demonstrar que não sou um jornalista e nem sou da polícia) e escolho instintivamente o meu informante. Não sou capaz de expressar razoavelmente quais as razões que me levavam a escolher este e não aquele vendedor ambulante. Suspeito que eventualmente já estivesse a desenvolver timidamente o meu fardo de antropólogo - não sei. Apenas umas das vezes é que tive que adquirir um artigo (uma carteira dessas pequenas para comportar cartões de banco, o novo B.I, Carta de Condução e Passaporte moçambicanos – só para que fique registado) com o intuito de conquistar a confiança e a disponibilidade de um dos vendedores. Entretanto, não porque a circunstância assim o exigisse, foi apenas uma atitude espontânea.

E, durante a minha interação com os vendedores não usava um guião de perguntas propriamente dito, sentia-me mais á vontade com o sistema de tópicos. Exemplo:

1º Tópico – identificação (nome, morada, local de nascença, idade)

2º Tópico - dados complementares/histórico de venda (a quanto tempo é vendedor ambulante, a quanto tempo vende naquele ponto da cidade).

3º Tópico itinerário (que horas chega, larga, almoça, quando e onde vai comprar a mercadoria que vende).

4º Tópico - experiência de venda naquele ponto da cidade (incidentes do quotidiano do vendedor).

5º Tópico - relacionamentos (proximidade/afastamento com outros vendedores, com a polícia, com os lojistas, com os transeuntes)

6º Tópico - relacionamento com o espaço (limpeza, segurança, satisfação das necessidades fisiológicas, sentimento de pertença e propriedade)

7º Tópico – comunicação (marketing pessoal, meios de comunicação entre o grupo).

Posteriormente, à medida que fui afinando e readaptando o meu modelo de análise à nova realidade contingencial que encontrei durante o trabalho de campo, também tive que reformular as minhas questões. Voltei a questionar com maior minúcia as questões do primeiro tópico e acrescentar para além do histórico de venda mas, de um modo geral, a sua trajetória de vida. Tive que olhar com maior enfoque a questão da sua socialização primária nos espaços tradicionais a que já me referi neste trabalho, sobretudo a questão da sua religiosidade que era um facto que tinha ignorado até então. Ainda, ainda foi a análise da sua trajetória de vida que me permitiu descobrir as redes sociais a que pertenciam e sua influência para desenvolver as actividades comerciais, a questão de “pertença”.

Com zelo e vigilância epistemológica ia actualizando a minha revisão de literatura tomando como fio condutor neste caso os dados da pesquisa.

6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

a. Descrição do local de pesquisa

A Ponto Final apresenta características peculiares que podem nos ajudar a perceber melhor os pressupostos da pesquisa, ou seja a sua localização geográfica combinada com outras qualidades circunstanciais é já por sim um relevante dado para a compreensão da territorialidade entre os vendedores ambulantes.

Para além de Av. Eduardo Mondlane ser uma das principais artérias do centro da cidade torna-o num lugar estratégico da cidade pois os vendedores podem saber o que está a acontecer na Baixa da cidade, no Mercado de Xiquelene, no Mercado Estrela-Vermelha, no Mercado do Povo, no Mercado Fajardo, no Mercado da Costa do Sol, No Mercado Mandela. Enfim, podem saber o que está a acontecer em todas as direções da cidade e dessa forma acautelam previamente no caso de eventos que podem ameaçar o seu negócio. Ou seja aquele lugar oferece condições que influenciam grandemente no seu comportamento. É uma pista de pesquisa que sinto que vale a pena considerar.

Outros factores que tornam no lugar “especial” é o facto de existirem nas proximidades lojas reputadas de venda de roupas e também a existência de caixas eletrónicas de diversos bancos o que constitui para eles fortes atrativos para a angariação de clientes.

Embora o meu objecto de estudo sejam as interações entre os vendedores ambulantes também observei relações e interações que eles mantêm com a Polícia Municipal, com os lojistas, e com os restantes transeuntes, seus potenciais clientes. E ainda as relações que eles mantêm com o espaço concreto. Refiro-me á demarcação de pontos de venda, satisfação de necessidades biológicas e alteração da paisagem.

b. Descrição dos sujeitos de pesquisa

O presente projecto de pesquisa visa compreender a rua como um espaço de re-socialização, afirmação identitária e de lazer entre a territorialidade dos vendedores ambulantes: o caso da Ponto Final, Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo.

Trata-se de um grupo composto por homens de maior idades que variam dos 25 aos 40 anos. A maioria deles vendem vestuários e seus acessórios (camisas, calças, sapatos, cintos, lenços, chinelos, perfumes, carteiras, óculos, chaveiros, etc.) entre tantos outros artigos que eles possam carregar consigo no corpo em trochas improvisadas. Aliás, essa é a principal característica desse grupo de vendedores: em alguns casos eles próprios servem de manequins dos artigos que vendem e carregam consigo os fardos da sua mercadoria.

Pude constatar que existem dois grupos espacialmente divididos assim: 1) existe um grupo que perambula no passeio á direita para quem vem da estátua de Eduardo Mondlane, desde a Av. Romão F. Farinha até á Av. Guerra Popular; e 2) o outro grupo que perambula no passeio do mesmo lado desde a Av. Guerra popular até á Av. Albert Luthulil. Este segundo grupo é mais numeroso e pareceu-me mais coeso pois há casos em que existem laços de sangue como irmãos e primos. E, também, relativamente ao outro grupo parecem mais bem-sucedidos pois vendem artigos de marca e mais caros.

Naquele percurso existem mais de 90 vendedores dos quais alguns são permanentes outros são casuais. E não incluo neste grupo de vendedores ambulantes os revendedores de recarga de telemóveis por estes se tratarem de vendedores autorizados e muito bem identificados através da t-shirt que eles vestem com os logos das operadoras de telefonia móvel.

Geralmente instalam-se naquele perímetro desde as primeiras horas da manhã (6-7 h) e abalam as 18:30, o mesmo horário que as lojas encerram e a noite começa a esfriar.

c. Discussão dos dados

“A territorialidade entre os vendedores ambulantes na Ponto Final, ao longo da Avenida Eduardo Mondlane é um espaço de re-socialização e de afirmação de identidade sócio-profissional e relacional e também é um espaço de lazer”

Primeiro, é um espaço de uma segunda socialização (socialização secundária segundo os teóricos) ou re-socialização, conforme prefiro nomear, pois pude constatar que a maioria dos meus interlocutores encaram a rua como uma segunda casa, totalmente hospitaleira apesar das vicissitudes que apresenta e é sobretudo uma segunda escola.

Partindo da premissa Giddenseana que afirma que “o facto de estarmos envolvidos em interações com os outros, desde que nascemos até á morte, condiciona indiscutivelmente a nossa personalidade, os nossos valores e o comportamento que adoptamos”¹, realizei uma análise comparativa entre a rua e os espaços tradicionais de socialização como a casa, a escola, a igreja. E ao analisar a trajectória de vida dos meus interlocutores reparei que muitos deles tiveram “problemas” nesses outros espaços de tal forma que a rua lhes aparece como um refúgio, uma segunda oportunidade de se integrarem novamente na sociedade através do comércio ambulante.

Alguns deles tiveram desentendimentos, com a família, saíram de casa e se afastaram de seus lugares de origem; outros desistiram da escola por acharem que aquele não era o seu caminho ou porque não conseguiam sustentar os estudos²; devido aos problemas que tinham perderam a fé em Deus e se afastaram das igrejas; outros emigraram para África do Sul e não tiveram sucessos e preferiram vir “sofrer” em casa; alguns já experimentaram outros ofícios como lavar carros, empregados de loja, pedreiros; e outros desentenderam-se com seus patrões e ou procuraram uma profissão relativamente mais liberal; alguns raros casos já tiveram problemas com a droga.

Apresento em seguida uma das entrevistas efectuadas aos meus interlocutores que demonstram parte das acepções acima feitas:

Pesquisador - Há quanto tempo estas a trabalhar como vendedor ambulante?

Tucho - Desde 2004.

¹ Giddens, A. 2000. *Sociologia*. 2ª Ed. Lisboa: Fundação Gulbekian. Pg.63

² Reparar que muitos deles são bastantes adultos, portanto não são da geração do ensino primário gratuito

Pesquisador - E a Ponto Final foi o teu primeiro ponto?

Tucho - Não, vendia no Xiquelene.

Pesquisador – E, porquê aqui e não noutros “pontos” da cidade?

Tucho - Aqui é mais fresco. Tem menos gente. Estavas a ver como está a Baixa? Nem dá para respirar.

Pesquisador - E que fazias antes de venderes?

Tucho - Era pedreiro.

Pesquisador – E, escola, estudavas?

Tucho - Sim mas deixei. Sabes como é, não tinha condições.

Pesquisador - E porque deixaste? Porque escolheste ser vendedor ambulante?

Tucho - Estou habituado apesar desse corre corre com a Polícia. Já deixei de vender e voltei a ser pedreiro mas como não se ganha quase nada voltei a vender, já aqui na Ponto Final.

Pesquisador - E como vieste parar aqui.

Tucho - Foi a convite duns primos. Tão por aqui a “maningue time”³. A maioria aqui tem familiares.

Neste intervalo veio um outro vendedor que vinha perguntar-lhe se ele possuía um número maior dum determinado modelo de calças jeans. Ele entrou no Snack Bar Águia D’ouro e voltou minutos depois e disse que infelizmente não tinha.

Voltei a entrevista:

Pesquisador - Quer dizer vocês trabalham em grupo?

³ Entenda-se bastante tempo

Tucho - Sim, é assim que a gente trabalha. Damos Power⁴ uns aos outros.

Pesquisador - E ... és daqui do Maputo.

Tucho – Não, sou de Inhambane. Vim para cá porque minha mãe vivia cá.

Pesquisador - E escola, tás com planos de voltar?

Tucho -Eh pá talvez malta próximo ano. Agora tou a construir e não é fácil para mim porque já sou pai.

Pesquisador - De quantos filhos

Tucho - Dois. (entrevista efectuada no dia 20/10/2012).

Entretanto, a rua lhes recebe de braços abertos, é um espaço que não precisam de prestar provas de admissão, só precisam de ser “espertos”, o que na sua linguagem implica ser simpático, saber lidar com os clientes, não precisam de ser proficientes em línguas, desde que consigam vender, respeitar os mais velhos, os que chegaram antes deles e ainda saberem se desenvencilhar da perseguição da Polícia Municipal.

É dessa forma que na rua eles têm oportunidade para desenvolver as suas habilidades e personalidade. É uma espécie de um espaço de reabilitação e de superação da rejeição que sofreram nos outros espaços de socialização e sociabilidade tradicionais a que já me referi acima.

Outro facto curioso é que no universo deles não existe um vendedor “matreco”⁵. Para eles o simples facto de alguém conseguir transacionar um produto, poder lucrar, pagar seu próprio almoço, e ainda ser capaz de ir comprar novos produtos para revender, é digno de respeito, ou seja, é uma pessoa “esperta”. Portanto, esse ofício dá-lhes oportunidade de sentirem-se especiais e como muitos deles já não aventam a possibilidade de regressarem a escola ou desempenhar outras profissões formais, já não se imaginam outra coisa senão vendedores ambulantes.

⁴ Entenda-se força moral

⁵ Entenda-se “fracassado”

Ainda, o facto de não prestarem contas a ninguém os levam a achar que ser vendedor ambulante é uma profissão liberal, e salvo o exagero da minha parte, até a acharem que é a melhor profissão do mundo. Facto este que me levam a concordar com Giddens (2000) quando afirma “no decurso da socialização cada indivíduo desenvolve o seu próprio sentido de IDENTIDADE e a capacidade de agir e pensar de modo Independente”.

Verifiquei alguns casos em que eles levam os produtos dum vendedor mais poderoso, mais abalizado, para revenderem e ganharem alguma comissão mas tomam a este como um parceiro e não como um patrão, daí que travam com ele uma relação mais harmoniosa, uma relação de proximidade, de irmandade. Presenciei uma dessas situações descritas tal como mostra a transcrição de parte da entrevista que efectuei no dia 03/10/12:

Nito – “Mais velho”, hoje só tenho umas carteiras e o business não tá andar, não tens outras cenas pra Eu divertir um pouco?

Outro vendedor Anónimo – Essa bolada das jeans também não é minha. Mas podes ficar com essas ... (dizia isto enquanto lhe passava alguns pares de calças jeans).

Nito – Tão a sair por quanto?

Outro vendedor Anónimo – Tão a sair a 900 a 1000 mas podes fazer até 800.

Apresento ainda um outro exemplo, da transcrição do excerto da minha primeira entrevista exploratória realizada em 01/11/2011.

E qual é a tua relação com os outros vendedores?

Como vês cada qual tá na sua e não existe fight⁶ entre nós. Posso sair daqui e deixar a minha mercadoria com ele e ficar a vender. Pode acontecer ele ficar a lucrar encima da minha cena. Mas é normal nós todos aqui queremos taco

Segundo, no tocante a compreensão da área central da cidade neste trabalho, esta é tida como um local onde “há uma variedade de oportunidades ocupacionais, onde os indivíduos têm a liberdade

⁶ Luta, briga, disputa

de escolherem a vocação e desenvolverem seus talentos particularmente” (Park, 1999). “Essas vocações particulares em contacto na cidade assumem um papel complementar umas das outras e, por conseguinte, os indivíduos que estão envolvidos nesse processo, ficam cada vez mais dependentes dessa comunidade que eles integram” (*ibid*), a saber, o centro da cidade.

Desse modo, a Ponto Final é um espaço de afirmação de identidade sócio-profissional e essa identidade é construída de uma forma relacional pois, partindo do pressuposto de que a territorialidade entre os vendedores ambulantes na Ponto Final era já um dado no qual o simples facto de ser vendedor representava *per si* uma qualidade integradora (garante a protecção do grupo, o respeito, o reconhecimento, a solidariedade, etc.) passei a observar as relações que estes mantinham com os restantes actores sociais com que eles geralmente interagem. Falo nomeadamente das senhoras que os servem os almoços, os lojistas, a polícia municipal, os clientes, os transeuntes.

Os vendedores ambulantes na Ponto Final consideram como a sua profissão nobre porque é um gesto de empreendedorismo e ainda lhes dá a oportunidade de lavarem a sua imagem perante a sociedade porque demonstram com o seu trabalho que ganham a vida de forma relativamente honesta, que estão a redimir-se de certo modo dos erros do passado, portanto, ganham a vida á vista de todos, que apesar de não possuírem altos níveis de escolaridade não são marginais, que são “espertos”, sabem negociar e são bons gestores e também “empresários” (Savalli 2003). Podemos ver isso na forma orgulhosa com eles se referem a esta profissão, na seguinte transcrição de um depoimento:

*- Eu tou a vender, **pelo menos** não tou a lavar carros. Já fui a Djone, não gramei da cena voltei pa casa. Tou aqui a vender, **pelo menos** não tou a roubar e não devo nada a ninguém. (depoimento de Chichava, efectuado no dia 08/10/2012)*

E colateralmente expressa o carácter relacional com que eles constroem a sua identidade pois ela é construída tendo como referencia o “Outro” (Barth apud Barroso 2010).

O uso dessa expressão “pelo menos” é bastante recorrente entre eles que também nos leva a supor afirmação de um “ethos” profissional visto que segundo Lysardo-Dias (2011) «o ethos diz

respeito a uma imagem forjada no decorrer do evento discursivo pelo enunciador e não pelo sujeito “real”»

Segundo reparei muitos deles fazem *drads locks*, tranças, usam brincos, possuem tatuagens no corpo, vestem de modo informal (chinelos, calcões, camisetas sem mangas) que expressa per si o carácter sócio-liberal dessa profissão de ser vendedor ambulante.

Ainda, muitas das pessoas socializadas no sistema formal construíram um conjunto de estereótipos ligadas às pessoas que passam a maior parte da rua e associam as pessoas com as características que acima me referi como marginais e pesa ainda sobre eles o facto de possuírem uma relação explicitamente litigiosa com a Polícia Municipal, tal o caso dos vendedores ambulantes. Entretanto, ao desenvolver o comércio informal eles podem reivindicar que são pessoas honestas, são pais de família, são pessoas informadas sobre o que se passa na cidade.

Existe entre eles alguns com carros, com vidas socialmente estáveis, e que reconheço que pode ser prematuro do meu lado para falar da emergência de uma classe social, no mínimo de um grupo de expressão suficiente para agitar uma cidade/município.

Ainda importa lembrar que a afirmação identitária colectiva na territorialidade em apreço não é fundada na memória mas no interesse comum, neste caso, comercial, o que nos leva a supor uma “identidade estatutária” porque a ela estão implicados explicitamente jogos de interesse e um conjunto de valores (direitos e deveres) onde se pode destacar o mais nobre dentre eles, a solidariedade grupal, e não afirmação de uma territorialidade na perspectiva dos “integracionistas sociais” (Sousa e Santos 2009; Teixeira 2008; Sousa e Pedon 2007).

Finalmente, a Ponto Final é um espaço de busca de lazer entre a territorialidade dos vendedores ambulantes, primeiro, tal como já me referi, *para além de Av. Eduardo Mondlane ser uma das principais artérias do centro da cidade torna-o num lugar estratégico da cidade pois os vendedores podem saber o que está a acontecer na Baixa da cidade, no Mercado de Xiquelene, no Mercado Estrela-Vermelha, no Mercado do Povo, no Mercado Fajardo, no Mercado da Costa do Sol, No Mercado Mandela. Enfim, podem saber o que está a acontecer em todas as direcções da cidade e dessa forma acautelam previamente no caso de eventos que podem*

ameaçar o seu negócio. Ou seja aquele lugar oferece condições que influenciam grandemente no seu comportamento.

Entretanto, afora esse facto acima referenciado que exprime a sociabilidade dos vendedores pois estando ali podem manter-se informados sobre o que acontece noutros Mercados e também sobre outros assuntos e “fofocas” da sociedade, pudemos observar que eles não se apropriaram daquele espaço exclusivamente para desenvolver o comércio informal. Os dados da nossa observação nos dão coragem para afirmar que eles praticamente “vivem” ali.

Vejamos: eles guardam as suas mercadorias em algumas *flats* das redondezas na qual pagam uma taxa por isso de 100 mts (meticais) a 150 mts (meticais) por mês. Realizam as necessidades biológicas nos bares e nessas mesmas *flats* em que guardam as mercadorias. Pagam também uma taxa de 5 mts por cada satisfação da necessidade biológica.

Almoçam nos Mercados próximos como o “Estrela-Vermelha”; “Mercado do Povo” e “Mandela” ou numa flat em casa de uma senhora que prepara refeições. Porém, eles salientaram que são poucas as vezes que frequentam a casa desta “dita senhora” por oferecer preços mais altos que os mercados supracitados.

Há casos em que até travam relações sexuais. Como vendem artigos para mulheres atraem-nas em troca de sexo em plena tarde. Eles deixam as roupas com um dos colegas e dizem que tem um “expediente”. Embora sejam poucos os casos que pude observar, as vezes as suas mulheres lhes trazem a marmita do almoço.

Depois do expediente tomam umas cervejas no “Águia d’Ouro” que é um bar contíguo.

Filipe – Quando os business andam bem ou quando tamos folgados⁷, apanhamos umas beers, ficamos a bater papo. Também quando não há movimento, bancamos nas escadas ou no “Águia d’Ouro” e trocamos algumas ideias. (extrato de entrevista efectuada no dia 22/10/2012).

⁷ Entenda-se endinheirados

Ou seja, de grosso modo praticamente a sua vida acontece naquele espaço. No meu ponto de vista apenas falta mesmo dormirem ali para poder-se afirmar categoricamente que eles vivem naquele espaço. Pois mesmo quando se encontram de folga e não possuem nenhum artigo para venderem, frequentam aquele espaço só para saber quais as novidades.

Importa salientar que não me limitei a recolher apenas os seus depoimentos. Em alguns casos fiz questão de testemunhar algumas cenas por eles relatadas como é o caso de ficar á espera para vê-los a irem almoçar a irem armazenar as mercadorias.

São essas evidências que me levam a afirmar que a Ponto Final não é só um espaço para eles “ganharem o pão”, é também um espaço de sociabilidade de obtenção de prazer. É um lugar de diversão, é um lugar para estar, para se sentirem ligados á sociedade, para terem notícias e também para namorarem.

E acrescento a isto a forma performativa com que eles propagandeiam as suas mercadorias. É um *marketing* espontâneo, anunciam os seus produtos cantando e sorrindo e o que me leva a reforçar a ideia de que eles se divertem enquanto vendem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como tópico de discussão o uso e apropriação do espaço pelos grupos sociais, o caso dos vendedores ambulantes na Ponto Final, ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo.

Procurou de forma bastante clara perceber quem são aquelas pessoas ajuntadas, que códigos de valores compartilham, se é que compartilham, que espécie de acordo, explícito ou tácito existe entre eles, e principalmente porquê a escolha daquele espaço. Ou seja, como já me referi em termos bastante simples, procurei perceber quais o (s) significado (s) da rua para os vendedores ambulantes, o caso da Ponto Final, ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo

O conceito de territorialidade permitiu-me pensá-lo como uma rede social que, segundo Marteleto (2001), “passa a representar um conjunto de participantes autónomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Tendo, entretanto, assumido teoricamente a existência de uma territorialidade entre os vendedores ambulantes da área em apreço como um dado da pesquisa, procurei descobrir outras dimensões/significados da rua para esse mesmo grupo para além da evidente prática comercial informal.

E o cruzamento dos dados e as teorias sócio-antropológicas em voga no debate do uso e apropriação do espaço permitiram-me descobrir/encontrar outras dimensões para além das que tive o zelo de recensear num quadro no capítulo da revisão teórica e conceptual que são: a dimensão da re-socialização, da afirmação identitária, e da busca do lazer.

Contudo importa lembrar que:

- Quanto a dimensão da afirmação identitária, vários autores já se tinham debruçado sobre ela, salvo com algumas pequenas diferenças de termos e de enfoque. É o caso de Raffestin (1993), Soja (2001) e (Costa 2008). Portanto, esta abordagem não constitui por si uma inovação nesse estudo. O que eventualmente podemos sublinhar é o carácter da identidade a ser reivindicada por esse grupo social e no carácter do espaço social no qual interagem: afirmar uma identidade sócio-profissional na rua.
- Vários autores que se debruçam sobre a territorialidade usam com alguma insistência o conceito de **integração social** seja de forma teoricamente isolada ou integrada, é o caso de Teixeira (2008), Sousa e Santos (2009); Amorim (2011) e Little (2006). A minha observação é que esse conceito definido nos seguintes termos “ integração social é o estado ou processo de inserção de indivíduos ou de grupos num mesmo conjunto (colectividade, sociedade), adquirindo, assim, um mínimo de coesão” conforme a proposta de Echaudenaizon (2001), no

meu ponto de vista não consegue explicar de forma cabal o vasto processo de socialização que acontece e justifica a existência/afirmação de uma territorialidade. Julgo que o conceito de re-socialização é relativamente mais esclarecedor e reflete com maior nitidez teórica todo o processo que justifica a existência/afirmação de uma territorialidade tal como demonstra este estudo.

Portanto a minha proposta é que no estudo das territorialidades haja maior distinção, maior especificidade e maior acuidade na definição e interpretação dessas dimensões: a integração social e re-socialização.

Ainda vale a pena lembrar que se exclui teoricamente a ideia de reabilitação social foi porque esta supõe, segundo Mitchell (s/d), a intervenção de uma mão externa, de uma acção social geralmente realizado pelos Estados ou Organizações Não-Governamentais. O que não acontece no caso dos vendedores ambulantes da Ponto Final. Estes, sim integram-se num grupo, reabilitam-se socialmente contudo por iniciativa própria conforme observamos. E segundo o estudo demonstra, a integração não aconteceu em situação de migração e não visa reabilitaram-se perante seus pares mas sim perante a sociedade em geral. Ou seja, á medida que se re-socializam vão também reivindicando em simultâneo uma identidade sócio-profissional, moral e eticamente digna, conforme demonstra o estudo.

- Sem desprezar as outras dimensões, como a simbólica, a histórica e do conflito social no estudo das territorialidades, dos vendedores ambulantes em particular, penso que a dimensão do lazer é a maior novidade desse estudo. Tal como me referi, outros autores debruçaram-se sobre esta questão contudo não com maior enfoque. É o caso de Savalli (2008) que debruça-se sobre a busca de lazer entre os vendedores ambulantes mas em situações festivas e fugazes. Portanto a minha proposta é que se revele a dimensão da busca de lazer no estudo das territorialidades entre os vendedores ambulantes em particular, como um factor presente e significativo no seu cotidiano e que se não é um elemento fundamental constitutivo do seu *ethos*, no mínimo do seu *self*.

Finalmente, os resultados do meu trabalho me enchem de coragem para deixar um desafio á disciplina. A minha proposta é que se faça um cruzamento entrosado entre a Antropologia do

Espaço, da territorialidade em particular e a Antropologia do Tempo pois na sociabilidade dos vendedores ambulantes não só esta presente a dimensão espacial mas também cronológica/cronométrica, ou seja, uma dimensão temporal. Pode ser interessante também perceber dentro daquele “pedaço” (Magnani 1996), daquela territorialidade, o minuto, o segundo, a fracção de tempo que se leva para parar e dar ouvidos aos vendedores ambulantes, para decidir se compras ou não, etc., quanto se pode ganhar em um minuto, uma hora. Creio que a conjugação dessas duas variáveis pode nos dar uma compreensão da dita “dimensão simbólica” (Araújo 2007).

Também pode ser antropologicamente mais interessante debater-se entre o dilema de ser fixo ou ambulante, entre as peripécias e incertezas do quotidiano, entre a descoberta das fronteiras dicotómias do formal e do informal, do legal e o ilegal, do moral e imoral, ou seja, o que representa de facto aquele espaço para os vendedores ambulantes na Ponto Final ao longo da Av. Eduardo Mondlane, cidade de Maputo.

ANEXOS

a. Mapa da cidade de Maputo



• L
O
C

al de estudo: área pintada a vermelho no mapa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amorim, P.H.O.P. 2011. Territorialidades no/do Espaço Escolar Contemporâneo: a Sala de Aula no Processo de Reprodução Social.

Araújo, M.C.A. 2007. Territorialidade, juventude e suas interfaces com o poder público local. São Paulo: tese de Doutorado – programa de pós-graduação em Educação.

Barroso, P.F. 2010. “Tem Que Ser Guerreiro” – Considerações Etnográficas Sobre A Identidade Dos Vendedores Ambulantes Da Rua Voluntários Da Pátria – Rs. Rio Grande do Sul (PUCRS). Volume II, número I.

Castells, M. 2003. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. II.

Costa, B. P. da. 2008. “Microterritorializações urbanas: análise das microapropriações espaciais de agregados sociais de indivíduos em Porto Alegre/RS”. In: Heidrich, A. L. *A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço*. Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Echaudemaison, C.D. (Coord). 2001. *Dicionário de Economia e Ciências Sociais*. Porto: Porto Editora.

Ekert, C. e Rocha, A.L.C. 2001. *Etnografia de Rua: estudo de antropologia urbana*. Porto Alegre, In: Série Ilunimuras, BIEV/IFCH.

Escallier, C. (s/d). *Arquitetura Escolar e Identidade: O Espaço Pedagógico Como Instrumento de Aprendizagem*. Madeira: Universidade da Madeira.

Fernandes, Dalvani. 2009. “Território e territorialidade: algumas contribuições de Raffestin”. In *Perspectivas em Políticas Públicas*. Belo Horizonte: Vol. II . Nº 4 . P. 59-68 | jul/dez 2009.

Galvão, A.R.G. et al. 2009. O Território e a Territorialidade: contribuições de Claude Raffestin. In Saquet, M.A.; Sousa, E.B.C. de. (Orgs.) *Leituras do conceito de território e de processos espaciais* (pp.33-46), São Paulo: Expressão Popular.

Géhanne, J-C. (s/d). *Dicionário Temático de Ciências Económicas e Sociais – Princípios e Teorias*. 1. Actores e Estruturas. Porto: RÉS-Editora Lda.

Giddens, A. 2000. *Sociologia*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Gulbekian. Pg.63.

Gil, I.C. 2004. “Territorialidade E Desenvolvimento Contemporâneo”. *Revista Nera*. ano 7, nº 4, jan/jul.

Kocoureck, S; Gehlen, I. 2011. *MIGRANTES PERAMBULOS: Vendedores de Praia no RS/Brasil*. Universidade Federal da Bahia. XI Congresso Luso Brasileiro de Ciências Sociais.

Leopoldo, D. F & Morais, V. C 2006. *Território e territorialidade: Estudo de caso na comunidade Quilombolade São Pedro de Cima*.

Lysardo-Dias, D. 2011. *Ethos e Construção Discursiva da Identidade Mineira*. Universidade Federal de São João del-Rei.

Little, Paul E. 2002. *Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil. Por uma antropologia da territorialidade*. Série Antropologia, 322. In <http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/PaulLittle.pdf> (Acedido a 12/7/2011).

Magnani, J. G. C.(org). 1996. *Na Metrópole: textos de TORRES, Lílian de Luca*. São Paulo, USP/FAPESP.

Magno, L. 2008. *Que lugar é esse? Identidades e significados territoriais no bairro rural Buieié – Viçosa, MG*. Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Marteleteo, R. M. 2001. *Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação*. Brasília: Ci. Inf. v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr.

Mitchell, G. D. (Coord). (s/d). *Novo Dicionario de Sociologia*. Porto: RÉS-Editora Lda.

Park, R. E. (1999). *La ciudad y otros ensayos de ecología urbana*. Barcelona: Ediciones del Sebal.

Raffestin, C. 1993. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática.

Saquet, M.A; Briskievicz, M. 2003. *Territorialidade e Identidade: Um Patrimônio no Desenvolvimento Territorial*.

Savalli, E.C.A.C. 2008. Os ambulantes no carnatal: oportunidades de trabalho ou lazer?. REVISTA ELETRÔNICA INTER-LEGERE – NÚMERO 03 (JUL/DEZ 2008).

Silva, C.M. 2006. “Espaços e sociedade: alguns elementos de reflexão”. In *Relações sociais de espaço: homenagem a Jean Remy* (ed.) Balsa, C. Lisboa: Edições Colibri - COES: Investigações sociológicas.

Silva, A F. e Silva, V P. 2008. Representação e identidade de gênero na territorialidade brasileira. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2008, vol. XII, núm. 270 (42). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270/sn-270-42.htm>> [ISSN: 1138-9788].

Sousa, E.A. e Pedon, N.R. 2007. ”Território e Identidade”. Revista Electrónica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Secção Três Lagoas Três Lagoas - MS, V 1 – n.º6 - ano 4, Novembro de 2007.

Sousa, A.V.M e Santos,V.S. 2009. Territorialidade e Redes de Sociabilidades Juvenis: Lugares, Trânsitos e Tensões da Identidade. Em: Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. Universidade Federal De Sergipe: São Cristóvão, Dias 05, 06 E 07 De Agosto De 2009.

Tanno, J.L. 2009. A rua como espaço de socialização e lazer. São Paulo (1920-1945). UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.1, p. 72-88 - out. 2009. ISSN – 1808–1967.

Teixeira, I.M.R. 2008. “OS FAZEDORES DE TERRITÓRIOS: Migração e Ruralidades no Contexto Urbano”. REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v.1, n.1, jul./dez. 2008.

Woodward, K. 2000. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: Silva, T. (Org.). *Identidade e diferença, a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.7-72.